

# POR DENTRO DO THEATRO MUNICIPAL



Revista de  
Comunicação Interna

EDIÇÃO 08 – NOV 2023

Foto: Larissa Paz

**3** Entrevista

**11** Programação



# MUNICIPAL ENTREVISTA PORTUGA

Foto: Stig de Lavor



**Carlos Roberto Ávila talvez seja um nome desconhecido para a grande maioria dos(as) colaboradores(as) do Complexo Theatro Municipal, mas e se falarmos de um tal de Portuga? Provavelmente, todas as dúvidas sumiriam, pois estamos falando de um dos vulgos mais marcantes e populares do palco do CTMSP.**

**Com mais de trinta anos de carreira, Portuga começou no Teatro Escola Macunaíma, mas foi aqui no Theatro Municipal onde aprendeu ser maquinista e desenvolveu seu talento nas varandas. “O Theatro Municipal é diferente de tudo, aqui é uma escola”, diz Portuga.**

**Como profundo conhecedor dos palcos do TM, o chefe de maquinário viveu muitos momentos, porém alguns acontecimentos se destacam. Portuga também é conhecido pela sua sensibilidade a aparições sobrenaturais, se assim posso dizer. São histórias que, aos mais sensíveis, seja mais que suficiente para se manter longe do palco e de seus arredores.**

**Então, leia a entrevista completa de um dos personagens mais importantes do Theatro Municipal nos últimos anos e conheça um pouco mais sobre sua história.**

**Primeiro, eu gostaria de saber seu nome, Portuga? Quanto tempo você está aqui no Theatro, apresente-se para nós.**

Meu nome é Carlos Roberto Ávila, quase ninguém sabe disso, todo mundo me conhece como Português. Antes do Municipal, eu trabalhei em outros teatros, meu primeiro primeiro emprego foi no Teatro Escola Macunaíma como *office boy*, eles faziam avaliação de alunos lá e com o tempo foi construído um palco no fundo para as avaliações e eu sempre acompanhava o pessoal da iluminação que também eram alunos. Eu gostava muito de teatro, era jovem e ganhava muito pouco, queria ter uma profissão. Um dia eu conheci um dos alunos que já trabalhava aqui no Theatro Municipal, ele viu que eu tinha interesse pela área e perguntou se eu queria trabalhar no aqui no Municipal e eu aceitei, claro. Isso foi em 92, eu não tenho a data certa, mas foi por volta disso, começo dos anos 90. Então, eu vim para cá, conversei com a coordenadora de palco da época, Cleuza Fernandes, e nesse dia tem uma boa história. Os amigos que eu tinha aqui na época eram iluminadores, o Aires e o Douglas, o Aires não queria que eu fosse iluminador, ele falava que eu era maquinista, que tinha todo o jeito de maquinista, e no fim eu segui o conselho dele e virei maquinista.

Quando de fato eu entrei tive certeza que era isso que eu queria para minha vida. Fiquei uns três anos como contratado do Theatro, até que em 95 em virei funcionário público pelo Municipal e fiquei até meados dos anos 2000. Nesse período, eu gostava muito

de estar aqui, de fazer ópera. Era muito jovem, subia e descia, fazia tudo com muita energia. Nesse período também apareceu o Pelé, ele já trabalhava aqui, mas ficou um tempo fora e voltou; a gente que era técnico tinha muito essa vida de idas e vindas, era normal. Então, o Pelé voltou como chefe e logo depois entrou o Sérgio no som, hoje diretor do palco. Aprendi muito com eles e eles aprenderam muito comigo.

Em 99, a Cleuza saiu do Theatro e foi para a Sala São Paulo, e nisso ela me chamou para trabalhar lá. Eu pedi exoneração do cargo e fui. Na época, eu via o Theatro como uma escola e queria explorar novas oportunidades, mas não me adaptei lá na Sala São Paulo. Eu estava acostumado com ópera, nessa época eu já fazia uns *freelas* na rua e lá era só uma sala de orquestra. Para mim, foi um erro ir para lá, era tudo muito monótono, parado, eu estava acostumado com a correria. Eu acabei saindo de lá e fui para a rua trabalhar como *freelancer*, fiquei uns 4 anos assim.

Nesse período, eu viajei bastante, fui técnico da Gal Costa, fiz bastante *shows*, óperas, trabalhei bastante no São Paulo Fashion Week. Só que todo esse tempo de viagem me cansou um pouco... Eu já tinha dois filhos, não parava em casa. Até que arrumei um emprego no antigo Teatro Abril, hoje Teatro Renault, e por lá eu fiquei uns dez anos.

Durante um período eu pensei em trocar de profissão, houveram algumas chateações, pensei em virar taxista. Fiquei uns três meses parado e não consegui, o teatro está na veia, sabe?

inclusive, tenho uma história. Eu comecei a trabalhar de *freelancer* no cinema e logo comecei a sonhar muito com o Theatro Municipal, achei estranho e continuei sonhando, até que falei para minha esposa que eu precisava voltar para cá. O Pelé me chamou para voltar ao Municipal em 2014, quase que não voltei por conta do salário, mas eu falei que eu ia enfrentar, estava sonhando tanto com isso. Eu segui mostrando meu trabalho como sempre, o Pelé já queria que eu fosse chefe de maquinário, até que aconteceu; hoje sou chefe de maquinário e chefe de varanda, não importa o que aconteça, o lugar em que eu esteja, a varanda sempre me acompanha.

Tenho trinta anos trabalhando em teatro, com musicais, com cinema e *shows*, mas pretendo me aposentar aqui, nossa área é muito complexa, tem muitos altos e baixos, mas queria ficar

aqui. Minha vida e especialidade é o teatro, não abro mão disso por nada, é a minha vida.

### **E por que “Portuga”?**

Cara, quando eu comecei a trabalhar não tinha muito jeito com o trabalho na rua, tinha minha experiência no teatro, me destacava, mas na rua é completamente diferente. Na rua, o cara te dá um alicate e um arame e fala para você se virar. Então, eu errava às vezes e eu tenho um amigo que me chamava de Português aqui, português para lá, e acabou ficando! Hoje em dia, eu nem gosto que me chamem pelo meu nome.

Eu fiquei doze anos no Teatro Renault e vieram descobrir meu nome quando eu tive que responder um ofício que veio no meu nome, porque eu era chefe de varanda lá. Ficaram procurando o tal do Carlos Roberto, e ninguém sabia!



**Explica um pouco como funciona o palco, suas tarefas e o dia a dia aqui no Teatro?**

Aqui no Teatro, nós chamamos de chefe de maquinário, mas a gente costuma chamar de chefe de palco. Aqui nós temos quatro chefes: o Edival é chefe de contrarregra, Paulinho e Marcelo são chefes de maquinário com um nível a mais que eu. Aqui não existe o cargo de chefe de varanda, mas é uma das minhas funções aqui no palco, além de trabalhar na montagem de palco, liderando montagem de óperas, de balé, de cenários... qualquer coisa que aparece na programação a gente

monta aqui. Já nas varandas eu faço muita talha, coloco cenários de vários pesos. Por exemplo, tem cenários de uma tonelada, e com isso é preciso fazer o contrapeso na vara. No geral, a gente faz uma série de coisas, mas tudo que precisa ser montado no palco fica com a liderança do chefe de maquinário.

Hoje em dia, nós ficamos mais com a tarefa de liderar e coordenar, mas não significa que não colocamos a “mão na massa”. Não somos esse tipo de chefe. Por exemplo, quando vem uma montagem de ópera, não tem como ficar só olhando.



## **Mas no palco, nos espetáculos, onde você fica?**

Antigamente, no meu tempo, não existiam essas máquinas computadorizadas que fazem as varas elétricas subirem e descerem, antes era tudo manual. Sobre o espetáculo que nós fazemos, como sou líder de varanda e quando um espetáculo tem muitos itens nas varas, eu fico responsável por isso, de descer e subir tudo. Quando tem uma ópera com muito cenário de vara elétrica, nós usamos o CAT, que a gente chama de Wagner Biro. É uma máquina computadorizada que dá toda a metragem e velocidade de descida e subida das varas. Por exemplo, *Pedro e o Lobo* eu que fiz, no espetáculo tinham as pessoas que subiam e desciam, aqueles movimentos são feitos por mim lá no CAT.

## **Fiquei sabendo que você tem muitas histórias com fantasmas aqui no Teatro? Conta algumas para o pessoal.**

Cara, vou te falar a verdade, no meu tempo de moleque aqui era pior, era ruim, viu? Hoje está bem melhor. Tinha um zelador que morava aqui e contava várias histórias. Na primeira experiência, eu era novo e cheio de medo, hoje em dia, com cinquenta anos, nem me abala mais. Nesse caso, eram três da manhã e o Pelé me pediu para subir no urdimento, que precisava passar umas manobras. Era um evento como o de hoje (Eu de Você), fui pegar o elevador já com medo, três horas da manhã, não tinha ninguém lá em cima, juro por Deus e meus filhos, eu senti um gelo no elevador, mas um gelo, que não via a hora de sair de lá.

Quando abriu a porta no quinto andar eu saí correndo e quando eu virei à direita, vi um vulto branco, gelado e muito branco... Depois desse dia, eu comecei a descer por uma escadinha, nunca mais fui pelo elevador.

Assim, eu e o Pelé víamos muito vulto aqui, mas vulto mesmo. Inclusive, um tempo atrás, lá na varanda... agora eu xingo, dou uns gritos para ver se espanta: “Sai de perto de mim!”. Enfim, lá na varanda tem uma passarela que é bem no meio e você atravessa. Eram umas 23h, todo mundo tinha ido embora e eu subindo as varas arrumando as coisas para outro dia. Eu estava voltando para a sala e comecei a ouvir uns passos atrás de mim, dei uma olhada e não tinha ninguém. Nisso eu já me espantei, fiquei todo arrepiado e gelado. Olhei de novo e não tinha nada, pensei: “Meu, preciso ir embora”. Só que apagaram as luzes, só tinha um vão de luz que quando eu atravessasse eu vi minha sombra passar normal, mas depois veio outra sombra! Comecei a gritar e a xingar de medo.

Cara, eu tenho muita história. No tempo da prefeitura, o pessoal via muita coisa. Tem a história dos seguranças verem pessoas entrando nos arcos do Bar do Arcos. Tem histórias de gente que conversaram com pessoas no elevador e depois descobriu que elas não estavam aqui mais.

Ó, para você ver que não é mentira, eu estava na varanda conversando com o Peter – ele não está mais aqui no Teatro – sentado só nós dois olhando para as varandas; ia começar um ensaio e nós estávamos lá batendo um papo.



De repente, passou um vulto preto lá embaixo. Me espantei, mas quando eu olhei para o lado, o Peter estava branco de medo, aí eu perguntei: “Você viu também?” E gritei: “Tá vendo que não é mentira minha?”.

Quando está tudo apagado no palco, eu não passo! Dou a volta, sabe? Porque tem pessoas que vêm e outras não, eu vejo!

### **Aprendemos um pouco do trabalho de vocês durante os espetáculos.**

#### **E quando não tem, como é?**

No Theatro sempre tem espetáculos! As pessoas nos veem muito sentados ali e pensam que não estamos fazendo nada, mas às vezes nós estamos sentados porque a gente monta alguma coisa e depois vem o pessoal da luz. Quando o pessoal da luz trabalha, não pode fazer barulho, pois eles precisam se comunicar. Quando não tem luz, tem o som, e aí não se pode fazer barulho mesmo.

Então, o que fazemos quando não tem nada? Tem galpão para reconstruir, inclusive estamos reconstruindo umas mesas para a orquestra, a própria arrumação da varanda. Mas nós temos a questão de não poder fazer muito barulho e no Theatro sempre tem muita coisa para fazer. Raro é o dia em que você não tem o que fazer aqui.

### **E como funciona sua relação entre Theatro Municipal e Central Técnica?**

Assim, eu passo mais tempo aqui, mas quando preciso construir alguma coisa passo uma semana lá, às vezes, vai o Paulinho, que é ferro. O Pelé é gestor da Central, tem seu trabalho específico. Hoje eu me direciono ao Sérgio. Quando eu vou para Central, aí sim eu me direciono ao Pelé.

**Sempre gosto de perguntar para as pessoas sua relação com o Theatro. Então, o que o Theatro significa para você, Portuga?**

Cara, tá na minha vida. Foi o que eu quis fazer da minha vida. Foi o que possibilitou criar meus filhos, sustentar minha família. O Theatro é tudo para mim, é minha profissão, meu trabalho. Nunca fiz outra coisa e nem sei fazer.

**Você chegou a estudar sobre ou aprendeu tudo no trabalho?**

Não, foi tudo no dia a dia. O teatro eu aprendi aqui, depois eu fui para a rua, tive uma aprendizagem completamente diferente, depois eu fiz musical, então eu me especializei muito, sempre olhando, estando junto. Até hoje, você não pode dizer que sabe, a tecnologia sempre muda e isso faz com que você sempre esteja aprendendo algo, principalmente no Theatro.

No Theatro, é muito o momento. Tem horas que você tem que ser o Professor Pardal, tem que inventar! Fazer uma traquitana, bolar um sistema na hora para aquilo funcionar. O Theatro Municipal é diferente de tudo, aqui é uma escola. Todo dia entra uma coisa diferente, hoje é balé, amanhã é ópera, depois tem um evento, um São Paulo Fashion Week, depois uma orquestra. Quando nós paramos para pensar, estamos fazendo tudo.

**E você gosta dessa agitação toda?**

Gosto! Mas estou ficando velho. E eu falo com toda certeza o Theatro é o que mais tem coisa para fazer. Quando você vê esse palco parado? Quando não tem o palco, tem a Praça, tem o Salão Nobre, a Cúpula. E quando não tem nada aqui, a gente está na Central construindo coisa. Eu falo que aqui é para os fortes e eu gosto! Prefiro trabalhar do que ficar em casa.



Texto: Guilherme Dias  
Fotos: Stig de Lavor

# PROGRAMA MAÇÃÃO



TEATRO NO THEATRO

## PROJETO ATLÂNTICA: PARTE 1 - ANTROMA

**NOV 2023**  
**15** quarta **20h**  
**16** quinta **20h**  
**21** terça **20h**  
**22** quarta **20h**  
**23** quinta **20h**

**ALEXANDRA TAVARES**  
e **EDUARDO JOLY**

concepção e atuação  
Em um ambiente antropizado,  
a atriz Alexandra Tavares e o  
performer sonoro Eduardo  
Joly se envolvem em um duo  
corpolfônico na tentativa de  
imaginar e escutar ecos da  
Floresta Atlântica que continua a  
existir abaixo da superfície.  
Projeto de parceria contemplado na  
16ª Edição do Prêmio Zé Renato na Cidade  
de São Paulo.

**GRATUITO**  
(entrada livre)

classificação indicativa  
**livre**

duração aproximada  
**80 minutos**

THEATRO MUNICIPAL  
CÚPULA

## RESIDÊNCIA ARTÍSTICA **REPERTÓRIO DAS MÃOS**

**NOV/DEZ 2023**

**15, 22, 29, 6, 13 e 20**

quarta **14h às 16h30**

**16, 23, 30, 7, 14 e 21**

quinta **18h30 às 21h**

**GRATUITO**

(entrada livre com  
limite máximo de  
25 participantes)

classificação indicativa  
**livre**

duração aproximada

**180 minutos**

PRAÇA DAS ARTES

SALÁ DO CONSERVATÓRIO

**ATELIÊ VIVO**

coletivo

Encontros semanais de  
introdução ao mundo têxtil para  
investigar, por meio de linhas,  
retalhos, desenhos e agulhas,  
nossos mundos interiores.

O processo criativo aborda  
exercícios de desenho, tecelagem  
manual, estamparia, bordado em  
talagarça e colagem têxtil. Os  
encontros buscam pôr em prática  
a criatividade experimentando  
fios, cores e texturas em  
diferentes superfícies. Ao final,  
será organizada uma exposição.

Projeto contemplado pelo Edital de  
Residência Artística e Mediação Cultural  
do Complexo Theatro Municipal.



## **ENCONTRO COM AUTORES**

**NOV 2023**

**16 quinta 19h**

**JEFERSON TENÓRIO**

escritor

**RAQUEL COZER**

mediação

No primeiro Encontro com Autores  
de novembro, receberemos  
Jeferson Tenório. Nascido no Rio  
de Janeiro em 1977 e radicado em  
Porto Alegre, o escritor é doutor  
em teoria literária pela PUC-RS.

Foi professor visitante de literatura  
na Brown University, Estados  
Unidos. É autor de *Estela Sem  
Deus* (2018) e *O Averso da Pele*  
(2020), vencedor do Prêmio Jabuti  
na categoria Romance Literário.  
Raquel Cozer é jornalista e editora.

**GRATUITO**  
(entrada livre)

classificação indicativa  
**livre**

duração aproximada

**90 minutos**

THEATRO MUNICIPAL  
SALÃO NOBRE

## CONVERSA DE BASTIDOR:

ÓPERA DER FLIEGENDE  
HOLLÄNDER – O NAVIO  
FANTASMA

**NOV 2023**  
16 quinta 15h30

**ROBERTO MINCZUK**  
direção musical e regência

**PABLO MARITANO**  
direção cênica

**DESIRÉE BASTOS**  
cenografia e figurino

**YARA CAZNOK**  
professora do Programa de  
Pós-graduação em Música do  
IA/UNESP

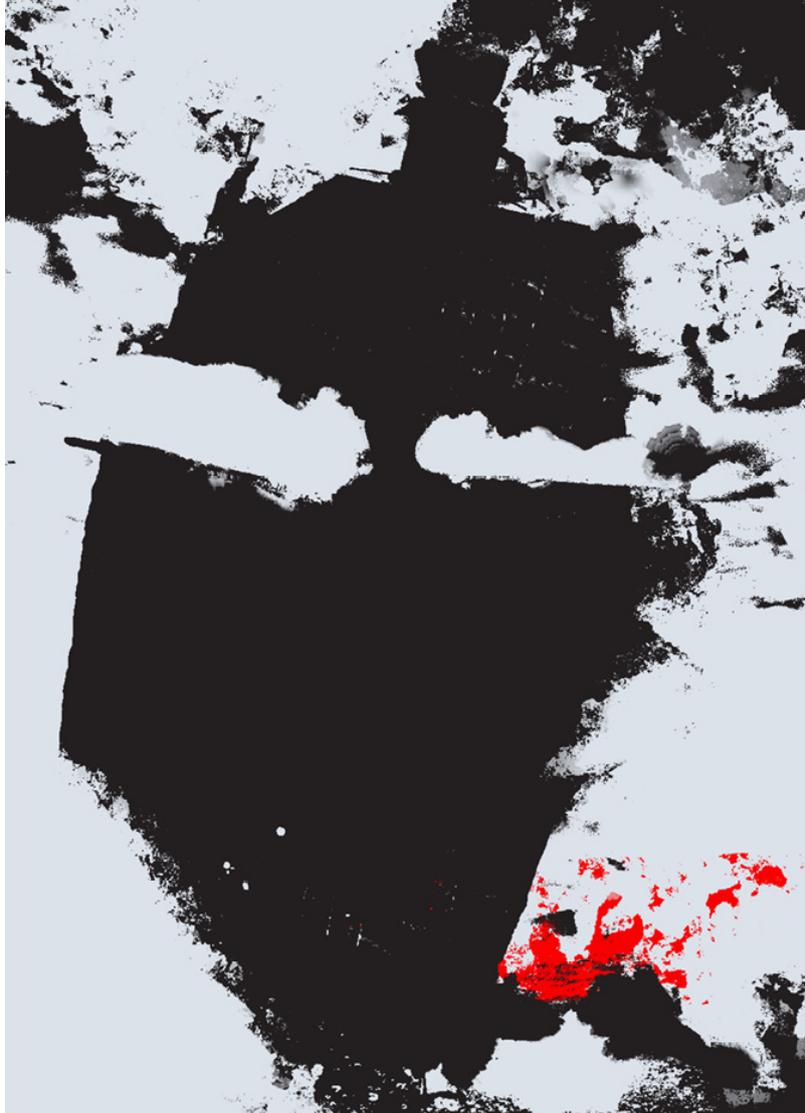
**LIGIANA COSTA**  
mediação

O projeto conversa de bastidor  
propõe diálogos e amplia pontos  
de vista sobre a programação do  
theatro municipal de são paulo,  
em especial as óperas.

**GRATUITO**  
(entrada livre)

classificação indicativa  
**livre**

THEATRO MUNICIPAL  
SALÃO NOBRE



# o navio fantasma

der fliegende  
holländer

de **RICHARD  
WAGNER**

ORQUESTRA  
SINFÔNICA  
MUNICIPAL  
CORO LÍRICO  
MUNICIPAL

## O NAVIO FANTASMA

**NOV 2023**  
17, 21, 22 e 24 às 20h  
18, 19 e 25 às 17h

**ROBERTO MINCZUK**  
direção musical

**PABLO MARITANO**  
direção cênica

**MÁRIO ZACCARO**  
regente do Coro Lírico

**DESIRÉE BASTOS**  
cenografia e figurino

**ALINE SANTINI**  
design de luz

**MATÍAS OTÁLORA**  
design de vídeo

**MALONNA**  
visagismo

**PIERO SCHLOCHAUER**  
assistente de direção

TEATRO NO THEATRO  
**O AVESSE  
DA PELE –  
CONSCIÊNCIA  
NEGRA**

**NOV 2023**  
20 segunda 18h

**COLETIVO OCUTÁ**  
idealização  
**BEATRIZ BARROS**  
direção  
**ALEXANDRE AMMANO,  
BRUNO ROCHA, MARCOS OLI  
e VITOR BRITTO**  
elenco

Peça teatral inspirada na  
magnífica obra de Jeferson  
Tenório, *O Avesse da Pele*,  
romance vencedor do Prêmio  
Jabuti de 2021.

**GRATUITO**  
(retirada de ingressos  
pelo site)

classificação indicativa  
**14 anos**

duração aproximada  
**90 minutos**

THEATRO MUNICIPAL  
SALA DE ESPETÁCULOS



**MÚSICA  
CONTEMPORÂ-  
NEA: LEITURAS  
PÚBLICAS**

CORAL  
PAULISTANO

**NOV 2023**  
22 quarta 10h  
23 quinta 10h  
24 sexta 10h

**MAÍRA FERREIRA**  
regência  
**CAMILA FRESCA**  
mediação

Serão apresentadas mesas  
de discussão sobre música  
contemporânea, com a curadoria  
de Máira Ferreira e Camila  
Fresca. As conversas serão  
acompanhadas de leituras  
públicas das peças selecionadas  
pelo Edital de seleção para  
novas composições, com o Coral  
Paulistano.

**GRATUITO**  
(mais informações  
em breve no site.)

PRAÇA DAS ARTES  
SALA DO CONSERVATÓRIO

## ENCONTRO COM AUTORES

**NOV 2023**  
23 quinta 19h

### **CONCEIÇÃO EVARISTO**

escritora

### **CATITA**

mediação

O sexto Encontro com Autores traz a escritora Conceição Evaristo. Registrada como Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em Belo Horizonte, MG. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*.

**GRATUITO**  
(entrada livre)

classificação indicativa  
**livre**

duração aproximada  
**90 minutos**

THEATRO MUNICIPAL  
SALÃO NOBRE



QUARTETO DE  
CORDAS DA CIDADE  
DE SÃO PAULO

## LATINO & AMERICANO

**NOV 2023**  
23 quinta 20h

### **BETINA STEGMANN**

e **NELSON RIOS**

violino

**MARCELO JAFFÉ**

viola

**RAFAEL CESARIO**

violoncelo

Betina Stegmann e Nelson Rios nos violinos, Marcelo Jaffé na viola e Rafael Cesario no violoncelo apresentam o *Quarteto n° 1*, de Osvaldo Lacerda, e o *Quarteto Op. 96, Americano*, de Antonín Dvorák, na Sala do Conservatório da Praça das Artes.

INGRESSOS  
**R\$32**

classificação indicativa  
**livre**

PRAÇA DAS ARTES  
SALA DO CONSERVATÓRIO

CORAL  
PAULISTANO

## NOVAS SONORIDADES

**NOV 2023**  
**28 terça 20h**

### MAÍRA FERREIRA

regência

O Coral Paulistano, com regência de sua maestra Maira Ferreira, traz para esse espetáculo um repertório diverso com composições de Aylton Escobar, Guilherme de Almeida, Caroline Shaw, Ellen Reid e Einojuhani Rautavaara.

Além do concerto, nos dias 22, 23 e 24 de novembro, também serão apresentadas mesas de discussão sobre música contemporânea, com a curadoria de Maira Ferreira e Camila Fresca. As conversas serão acompanhadas de leituras públicas das peças selecionadas pelo Edital de seleção para novas composições, com o Coral Paulistano. Mais informações em breve no site.

### INGRESSOS

**R\$32**

classificação indicativa  
**livre**

duração aproximada  
**60 minutos**

PRAÇA DAS ARTES  
SALA DO CONSERVATÓRIO



## COMUNICAÇÃO

### **Coordenadora**

Elisabete Machado Soares dos Santos

### **Assessoria de imprensa**

André Santa Rosa Lima

Laila Abou Mahmoud

### **Audiovisual**

Larissa Lima da Paz

Stig de Lavor

### **Comunicação interna**

Guilherme Dias

### **Conteúdo**

Laureen Dávila

### **Design**

Karoline Marques

Winnie Affonso

### **Digital e redes sociais**

Gustavo Quevedo

Tatiane de Sá

### **Administrativo**

Francielli Perpétuo

## EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

### **Produção de Conteúdo**

Guilherme Dias

### **Design**

Karoline Marques

### **Fotos**

Larissa Lima da Paz e Stig de Lavor

### **Entrevista**

Guilherme Dias

### **Revisão**

Renata Brabo

